

A Juventude e as Religiões Minoritárias

Como os jovens de
Salvador se relacionam
com o Islamismo,
Espiritismo, União
do Vegetal, Bruxaria,
Budismo e Candomblé.



A palavra juventude sempre esteve associada a um comportamento de rebeldia, contestação, imediatismo, pressa, imaturidade e indisciplina. Se na década de 60, os jovens tinham um inimigo declarado – a ditadura militar - nos dias de hoje, eles não sabem exatamente contra ou a favor de quê cravar uma ideologia.

Imersos em uma sociedade contraditória e confusa, rapazes e

moças buscam na espiritualidade uma saída para um outro mundo possível. Muitas vezes, optando por religiões contrárias à vontade da família e às tradições, eles derrubam a tese de que a juventude é necessariamente materialista e desapegada à fé, e inserem a espiritualidade em suas práticas diárias.

Nesta edição, a publicação 'Religare' – especializada em temas religiosos - aborda a relação

entre a juventude de Salvador e as religiões, com foco nos motivos que levam estes jovens a escolher uma determinada doutrina.

Seja por tendência familiar, por vontade de 'ser' diferente dos demais, por identificação, por modismo ou por curiosidade, jovens de todas as idades frequentam igrejas, templos, terreiros, centros e mesquitas em busca de uma orientação, um caminho, uma direção para a vida.

Nos fins de semana, muitos trocam as festas e baladas por um encontro com a espiritualidade. Outros chegam até mesmo a realizar atividades durante a semana, conciliando a faculdade ou escola com a prática religiosa. Há também aqueles que constroem laços afetivos dentro da comunidade que escolheram, arranjando namorados e novos amigos.

Diante do desafio de escrever sobre um tema vasto, visto que há uma ampla diversidade de religiões e de doutrinas diferenciadas em uma mesma religião, a reportagem selecionou seis religiões minoritárias: Candomblé, Espiritismo, Budismo, União do Vegetal, Bruxaria e Islamismo - para mostrar como se dá a relação dos jovens de Salvador com estas práticas religiosas.

Islamismo

O Caminho da Disciplina e da Fé

Desde o final da sua adolescência, Adriano iniciou a sua busca por uma referência espiritual, um caminho, um rumo para a sua vida. Criado por uma mulher de formação católica, o garoto desconfiava da incoerência entre o mundo da teoria eclesial e a prática cotidiana dos fiéis.

Insatisfeito com a doutrina católica, ele começou a ler sobre o Islã e se interessar pela cultura árabe nas aulas de história e geografia, quando cursava o 2º grau. Desde o início, o que mais lhe impressionou em suas leituras e pesquisas foi a seriedade com que os fiéis do profeta Maomé encaram os ensinamentos sagrados e a maneira como inserem os preceitos em suas práticas diárias.

Fascinado pela disciplina aliada à fé, aos 21 anos, Adriano começou os seus estudos no Centro de Cultura Islâmica da Bahia. Foram quatro anos estudando o Alcorão – livro sagrado do Islã –, as práticas religiosas e a língua árabe para poder se aceitar como fiel pelo Sheik Ahmrad, líder espiritual do centro.

À medida que mergulhava no islamismo, Adriano percebeu que os seus amigos começaram a estranhar a sua fé e não compreender algumas escolhas. O rapaz, que tinha companheiros de diversas crenças e origens, viu as 'amizades' desaparecerem quando parou de consumir bebidas alcoólicas, de ir às festas badaladas da cidade ou de 'ficar' com as meninas disponíveis para a paquera.

Aos 25 anos, Adriano Almeida adotou o nome árabe de Abu-Bakr, que significa o 'pai das filhas virgens', e rompeu com os velhos hábitos e padrões de comportamento. Atualmente, na ausência do Sheik, ele conduz as cinco orações sagradas do dia, todas proferidas em árabe e voltadas na direção da cidade de Meca, conforme determina a tradição.

"Não vejo um comprometimento tão verdadeiro das pessoas nas outras religiões. Porque não basta acreditar em Deus; é preciso respeitar regras, ter seriedade e incorporar os ensinamentos sagrados no dia-a-dia da vida cotidiana. É assim que faz o verdadeiro fiel", comenta o rapaz, que conduz as cerimônias com uma concentração e rigor incomuns para a sua idade.

Outro fator que influenciou Adriano a abraçar o islamismo foi a unicidade de interpretação das escrituras sagradas do profeta Maomé. "No islamismo, o Alcorão tem uma interpretação única, não há distorções, como no cristianismo. As divergências entre os adeptos ao Islamismo são apenas políticas, mas o credo é o mesmo. Além disso, o profeta nos diz exatamente o que temos que fazer para chegar ao paraíso, não há dúvidas nos ensinamentos".

"A forma rigorosa com que o Islamismo se apresenta pode ser um forte atrativo aos jovens. A liberdade tão apregoada pela modernidade deixa um espaço vazio nos indivíduos e a normatividade islâmica pode ser uma solução".

Edebrante Cavaleri

Especialista em Fenomenologia da Religião



Adriano adotou o nome islâmico de Abu-Bakr e segue à risca os mandamentos da religião, como rezar cinco vezes ao dia e jejuar no Hammadan.

Beleza por trás do véu

Monique Nunes, 17, se interessou pelo Islamismo há três anos, quando começou a pesquisar a religião na Internet, após as aulas de história. Os pais, de formação católica, se chocaram ao ouvir que a filha desejava ser iniciada na religião do profeta Maomé, tão distante da cultura brasileira.

No entanto, as ressalvas dos pais não impediram que a garota seguisse o seu caminho. Há cerca de um ano, Monique tem aulas sobre a língua árabe e recebe os ensinamentos religiosos.

"O islamismo é a religião que me completa. Quanto mais eu estudo, mais admiro. É uma fé que nos leva a respeitar a nós mesmos, o nosso corpo, a nossa imagem, além disso, aprendemos a ajudar participando de projetos sociais".

"O Islã é uma religião que vai mandar o jovem estudar e buscar o conhecimento. A palavra Alcorão significa: 'Lê', 'Recita'. Portanto eles valorizam as pessoas que estudam".

Francirosy Ferreira
Antropóloga

Agarota cursa o 2º ano do ensino médio e frequenta a escola com a 'burca' – lenço religioso específico para as mulheres. "Não me sinto discriminada pelos meus colegas por usar o véu e saias longas. Eles ficam curiosos, mas respeitam a minha escolha em preservar o meu corpo", conta a garota, que sonha em se formar em relações internacionais para "lutar contra o preconceito ao islamismo" em outros países.

A proteção oferecida pelos membros da comunidade islâmica foi outro fator que motivou a escolha de Monique pela religião. "Aqui todos se tratam como se fossem de uma mesma família. Tenho até uma 'mãe' muçulmana, que sempre me ajuda e dá muitos conselhos", relata a menina, abraçada com a sua mãe religiosa, Isabel Alves.

Isabel atua como uma espécie de tutora voluntária dos mais jovens no Centro. "De uns três anos para cá, tem aumentado bastante o interesse dos jovens pela religião, principalmente após os diversos seminários que promovemos nas escolas para explicar os princípios da religião".

Apesar de estarem sempre posicionadas atrás dos homens durante as cinco orações diárias, de não ocuparem cargos superiores na hierarquia religiosa, de não poderem tocar nos homens durante a menstruação e de serem obrigadas a utilizar o véu e vestimentas longas durante todo o dia, as mulheres islâmicas não se sentem tratadas como inferiores ou coibidas na liberdade.

"Não me sinto discriminada em relação aos homens. Nós[mulheres] apenas respeitamos as tradições e evitamos nos expor através da sensualidade e abolimos vestimentas com decotes, utilizando o véu como um sinal de respeito ao nosso corpo", defende Isabel.



Relacionamento com os INFIÉIS

Os jovens fiéis ao Islamismo revelam que há uma grande dificuldade no relacionamento com os não adeptos. Os empecilhos são muitos e vão desde a forma de se vestir até a ideologia.

“Não posso ficar com alguém que considere a minha religião como algo nocivo, praticado por terroristas. A desinformação e ignorância ainda são muito grandes. Cheguei a terminar com uma namorada porque ela achava que o Islã era coisa de fanático”, conta Felipe Barbosa, iniciado há um ano e que também não teve qualquer influência da família na sua escolha pela religião.

Adriano acrescenta que é muito difícil um fiel do islã se interessar por uma menina de outra religião, porque as atitudes da juventude atual entram em choque direto com as condutas do islã.

“A maioria das mulheres de hoje em dia não se dá valor. Elas expõem seus corpos, não respeitam a família, se relacionam com muitos homens e trocam tudo por uma mesa de bar”, lamenta Adriano. O rapaz foi casado durante cinco anos e teve duas filhas, mas passou a ter conflitos com a esposa, que costumava, segundo ele, ‘usar vestidos curtos e consumir bebidas alcoólicas’. Ele se divorciou há dois anos.

O véu é visto pelos islâmicos como um objeto sagrado e indispensável para a preservação da pureza feminina. “É muito difícil se relacionar com mulheres que não utilizam o véu ou que usam decotes para seduzir outros homens. Infelizmente, as mulheres muçulmanas aqui em Salvador já são casadas ou bem mais velhas. Aí ficamos sem opção”, reclama o rapaz.

Os islâmicos não namoram. O relacionamento quando começa parte direto para o noivado e depois para o casamento. “Acho que desde o início, as pessoas

devem assumir um compromisso sério quando decidem ficar juntas. Namorar e ficar não faz o menor sentido para nós”.

Outra crítica comum feita pelos rapazes da religião é que as mulheres entregam seus filhos para babás ou empregadas domésticas criarem, do o trabalho em detrimento da família. “As mulheres devem cuidar dos filhos acima de tudo. Elas são muito valorizadas na nossa religião, pois são a base da família”, acrescenta Felipe.

A poligamia é aceita pela religião, mas não é recomendada por questão de controle populacional. “A questão do casamento com várias mulheres não é visto em uma leitura ocidental de posse e exclusividade. Podemos amar e respeitar todas as nossas mulheres, portanto estaremos sendo fiéis a todas elas. As mulheres são sagradas para nós, são as mães dos nossos filhos”, argumenta Felipe.

“É muito mais fácil se relacionar com uma pessoa da nossa religião. As pessoas de fora dificilmente respeitam as nossas escolhas, como jejuar durante o Hamadan e nunca consumir álcool ou carne de porco. A adaptação é complicada”, opina Isabel, que se divorciou do marido não-islâmico por incompatibilidades na convivência.

Monique pretende cursar relações internacionais e defender o Islã



Necessidade de Regras e Limites

Antropólogos, sociólogos e teólogos são unânimes ao considerar a crise dos valores ocidentais e a necessidade de regras e limites como fatores que justificam a opção dos jovens pelo Islamismo, principalmente por aqueles que não possuem ligação familiar com a religião.

O filósofo e especialista em fenomenologia da religião, Edebrando Cavaleri, acredita que as incertezas da sociedade atual podem levar a juventude a escolher religiões mais rígidas. “A forma rigorosa com que o Islamismo se apresenta acaba sendo um forte atrativo aos jovens. A liberdade tão apregoada pela modernidade deixa um espaço vazio nos indivíduos e a normatividade islâmica pode ser uma solução para esta crise”.

Luiz Libório, mestre em ciências da religião, diz que a religião é ainda mais comum entre os adolescentes que não foram educados com limites e regras pelos pais. “Os jovens, principalmente os adolescentes, procuram limites que os pais nunca deram e esses grupos religiosos fechados sabem muito bem como exigir deles”.

Para Marcus Teshainer, psicólogo e sociólogo, aderir a uma religião rígida pode fazer com que o jovem se sinta mais adulto e maduro em relação aos demais. “O Islamismo passa a ser uma forma privilegiada para ritualizar a inserção do jovem no mundo adulto”.

O historiador e especialista em relações internacionais no Oriente Médio, Williams Gonçalves, concorda com a justificativa da busca por normas e rigidez, e acrescenta que o Islamismo ainda oferece a possibilidade de pertencimento a um grupo e de proteção aos adeptos. “A fé islâmica exige disciplina, moderação na conduta, respeito às pessoas e às instituições, retidão ética e rigor moral, proporcionando em troca o sentimento de pertencimento a uma comunidade estável, disciplinada, e que se percebe como uma comunidade de fé oprimida, que, apesar disso, não teme o confronto com as forças que impõem o pensamento único da sociedade de consumo”.

Crítica ao Ocidente - A reação ao mercado consumista, característico do capitalismo, também é apontada pelos pesquisadores como um fator de atração ao Islamismo. Segundo Teshainer, “a necessidade de agregar povos de diferentes etnias, a atual ausência de referências, a permissividade e o individualismo de nossa sociedade podem explicar o aumento

da procura por essa religião, repleta de fundamentos e preceitos”.

Libório acrescenta que a luta ideológica contra o ocidente também oferece uma possibilidade destes jovens se diferenciarem dos demais. “Lutar contra o capitalismo selvagem e contra a decadência ética e moral do Ocidente é uma forma do jovem se tornar diferente de tudo e de todos”.

Quanto ao caráter ideológico, Francirossy Ferreira, antropóloga e doutoranda em processos de conversão ao Islamismo, identifica uma peculiaridade da conversão ao Islamismo na Bahia. “A escolha pela religião pode ser de caráter étnico na Bahia, devido a grande incidência de negros, afinal, os primeiros muçulmanos que chegaram ao Brasil vieram como escravos vindos da África. A busca de identificação racial reforça a conversão”.

Leitura e mídia - Como fatores secundários, os pesquisadores apontam o estímulo ao estudo e a falta de intermediários na relação com o criador como fatores que contribuem na escolha pela religião, além da influência da mídia.

“O Islã é uma religião que vai mandar o jovem estudar e buscar o conhecimento. A palavra Alcorão significa: Lê, Recita, portanto eles valorizam as pessoas que estudam. Para conhecer a religião é preciso ler a respeito dela e adquirir conhecimento. Além disso, não há intermediários na relação do fiel com Deus”, esclarece Francirossy.

Para a antropóloga, o episódio do ‘11 de Setembro’ e a novela ‘O Clone’, da Rede Globo, chamaram a atenção de crianças, jovens e adultos para a religião. “Não temos os números ainda, mas é significativo o número de conversão nesses últimos cinco anos”.

“A conversão de pessoas importantes, como astros do cinema e esportistas, pode influenciar esses adolescentes e jovens na ‘fase dos ídolos’ na escolha pelo Islamismo”, acrescenta Libório.

“O Islamismo prega o retorno a uma religiosidade mais passional, defende uma visão de mundo exclusivista, demonstra resistência ao liberalismo dos costumes no Ocidente e fornece uma verdade absoluta num mundo cheio de incertezas”, sintetiza Macleuler Lima, mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília.

História da Religião

O Islamismo é uma religião monoteísta que surgiu na Península Arábica no século VII, baseada nos ensinamentos religiosos do profeta Muhammad (Maomé) e na escritura sagrada Alcorão. Cerca de duzentos anos após o seu nascimento na Arábia, o Islamismo já se tinha difundido em todo o Médio Oriente, no Norte de África e na Península Ibérica, e na antiga Pérsia e Índia. Mais tarde, atingiu a Anatólia, os Balcãs e oeste da África. Recentemente também foram registrados grandes movimentos migratórios de populações muçulmanas para a Europa e América.

A mensagem do islã prega que, para atingir a salvação, o indivíduo deve acreditar em um único Deus (Alah), rezar cinco vezes por dia, submeter-se ao jejum anual no mês do Hamadam (outubro), cumprir os rituais e, se possível, fazer a peregrinação à cidade sagrada de Meca pelo menos uma vez na vida. O Islã é visto pelos seus adeptos como um modo de vida que inclui instruções que se relacionam com todos os aspectos da atividade humana, sejam eles políticos, sociais, financeiros, legais, militares ou interpessoais. A distinção entre o material e o espiritual é, em teoria, alheia à religião.



Bruxaria

Auto-Conhecimento pela



MAGIA

Hugo Vinícius tinha 18 anos quando decidiu escapar do carnaval de Salvador para relaxar na Ilha de Itaparica. Durante a viagem, um homem chamou a sua atenção no ônibus quando lia o livro 'As Mulheres, as Bruxas e a Igreja', uma das obras de referência no campo do ocultismo.

Ao perceber que o garoto o observava com tanta curiosidade, o homem lançou um olhar firme para ele e perguntou: "Você se interessa por magia?". Hugo respondeu que lia sobre o assunto desde os 14 anos e, imediatamente, foi convidado a sentar na poltrona ao lado. A partir daí, começou a amizade do garoto com Lypercvs Gael, um dos maiores magos da Bahia.

Logo após a viagem, Hugo foi convidado a fazer parte do coven (grupo de bruxos) Wicca 'Círculo da Lua', que reunia 18 iniciados em encontros semanais no bairro de Itapuã. Poucos meses após ter

começado a frequentar os encontros, ele foi convidado a morar com Gael.

"Minha mãe nunca se opôs ao fato de eu ter escolhido a bruxaria. Ela foi hippie quando era jovem e acredito que por isso sempre tenha achado tudo normal. Ela respeita todo o tipo de escolha. Também não houve qualquer problema quando eu decidi sair de casa com 19 anos", conta Hugo, que adotou o nome de Órion Lvnæ após sua iniciação na bruxaria.

Dois anos depois, Órion decidiu deixar o Círculo da Lua e se dedicar sozinho às práticas. Decepcionado com os covens, o rapaz apostou na fé individual para o seu aperfeiçoamento como ser humano.

"Acho que existe muita disputa de poder na prática da bruxaria em Salvador. As pessoas ficam mais preocupadas em desmerecer a iniciação do outro do que em se aprofundarem no auto-conhecimento. Há muita discussão sobre que tipo de linha de bruxaria é melhor, qual a mais

poderosa, etc. Há muitas pessoas que se consideram guias ou mestres sem ter condição de assumir esta responsabilidade", avalia.

Órion hoje tem 22 anos e é um

"Uso a magia para me aperfeiçoar como ser humano"

Órion Lvnæ

daqueles jovens que surpreende qualquer ouvinte. Dono de uma eloquência rara, ele tem um conhecimento em magia que impressiona qualquer conhecedor. Ele já leu mais de 20 livros sobre o tema e procura estudar sempre. "Primeiro, os frutos em mim, depois alimentar os outros com eles". Este é um dos seus lemas.

"Atualmente, pratico exercícios voltados para aguçar os sentidos e aflorar outros ditos sobrenaturais. Sigo alguns rituais thelêmicos e celebro os sabbaths [festas sagradas], mas não faço parte de nenhum coven específico".

Da Bruxaria Moderna à Tradicional



Alunas da Casa Telucama aprendem a preparar poções, banhos mágicos e confeccionar artefatos

Nanci Matos tinha apenas 13 anos quando despertou a curiosidade pela bruxaria. Influenciada por uma amiga wiccana, ela começou a ler sobre a religião na Internet. Após três anos de pesquisa, a garota soube da existência de uma escola de bruxaria tradicional em Salvador – a Casa Telucama. Imediatamente, Nanci disse aos pais que queria fazer parte do grupo.

"Meus pais são católicos, mas não se colocaram contra o meu interesse pela bruxaria. Como eu era menor na época, minha mãe teve que conversar com a summa sacerdotisa para que ela autorizasse a minha matrícula na escola".

Após um ano de aulas na Casa

Telucama, Nanci foi batizada como Dierna pela summa sacerdotisa do templo, Graça Azevedo – neta de Checa Cruz, sacerdotisa da casa Telucama em Portugal, que trouxe a tradição para o Brasil em 1917.

Dierna completou três anos de estudos na casa e hoje, com 19 anos, já usa o 'cordão verde' – utilizado apenas pelas alunas mais adiantadas. Ela é uma das bruxas mais jovens da escola.

"Não se escolhe ser bruxa, a pessoa tem que nascer bruxa. Não é um caminho fácil, pois além das obrigações no templo, ainda sofremos muitas discriminações. No colégio que estudei, alguns pais queriam transferir seus filhos da turma quando souberam que havia uma bruxa na classe".

Crítica à 'banalização' da Bruxaria

Para os bruxos da Casa Telucama, a Wicca foi banalizada pela adesão indiscriminada de adolescentes encantados com o mundo da magia. Para selecionar o público, a escola passou a aceitar apenas jovens que tenham algum conhecimento prévio em bruxaria.

"Apenas aceitamos na casa jovens acima de 18 anos e que passem no teste de seleção

de conhecimentos, justamente para evitar a presença de adolescentes movidos pela simples curiosidade. Tem gente que chega aqui pensando que vai aprender feitiços para arranjar namorado ou a ganhar dinheiro, mas não é nada disso. As bruxas têm uma grande responsabilidade com a natureza, por isso, quanto mais magia se sabe, menos se faz", explica



Em uma loja de artigos de magia, Órion escolhe o espelho como o objeto que melhor lhe representa

a Senhora Telucama, ao falar sobre o aumento 'assustador' do interesse dos adolescentes pela religião.

Diarna acredita que a auto-iniciação da Wicca atende a um público muito jovem e que quer apenas ingressar na bruxaria para chamar atenção. "A idéia original da Wicca era ser uma facilitadora para a iniciação do bruxo. Mas o que está acontecendo hoje é uma banalização total da religião. Tem gente que lê um livro básico de ensinamentos e já se considera iniciado, afinal, é muito legal sair por aí de preto, com um pentáculo no pescoço, e se considerar bruxo. Os adolescentes querem tanto ser diferentes que acabam se tornando iguais".

Para Amaro Braga, sociólogo e especialista em Wicca, a

bruxaria moderna atrai o jovem porque oferece uma possibilidade de diferenciação dos demais. "A Wicca se aproxima das outras tribos urbanas pelo requinte e por uma visão de mundo particular e inovadora. Estes novos 'bruxos' muitas vezes são punks, grunges e jogadores de RPG, que vivenciam na prática seus personagens feiticeiros".

"Tem gente que chega aqui pensando que vai aprender feitiços para arranjar namorado ou ganhar dinheiro, mas não é nada disso"

Sra. Telucáma



Ritual Ostara, celebrado no dia 21 de Setembro: Bruxos de todas as idades festejam a primavera.

INFLUÊNCIA DO CINEMA E DA INTERNET SOBRE OS JOVENS

Sites temáticos e filmes que abordam a bruxaria influenciam a juventude na procura pela religião

A internet e o cinema têm um papel decisivo na difusão da bruxaria entre os jovens. Apenas no site de relacionamentos Orkut, existem 381 comunidades sobre bruxaria, 353 sobre Wicca e 47 sobre paganismo, e na rede, as páginas sobre o tema são incontáveis.

De acordo com especialistas, a mídia e os movimentos ambientalistas e feministas são os principais responsáveis pelo aumento do interesse da juventude pela bruxaria, que percebe a natureza como uma Deusa que carrega o mundo em seu útero.

"Poder transformar a realidade visível é o que mais encanta os jovens, que encontram nas diversas listas de rituais e feitiços na internet as orientações para a prática mágica. Além disso, a essência feminina está cada vez mais na moda, o que desperta o interesse por uma religião que venera o sagrado feminino", analisa Amaro, que também é autor do trabalho "Wicca: das cavernas da Escócia aos sítios da Internet".

Para Susana Araújo, antropóloga e doutora em movimentos neo-pagãos, filmes recentes como Harry Potter e o Senhor dos Anéis, que tratam sobre magia de tradição celta,

também influenciaram a juventude a se interessar por feitiços, lendas e escolas de bruxaria.

"Em Harry Potter, há uma semelhança indiscutível entre personagens e os leitores, a maioria de pré-adolescentes em idade escolar. É interessante o papel feminino ocupado pela personagem Hermione, que mostra que na bruxaria existe uma igualdade de oportunidades entre os sexos", avalia.

Amaro defende que o interesse da juventude pela bruxaria também é despertado no cinema porque os filmes, em geral, mostram as práticas mágicas como benéficas, românticas e emocionantes. "As religiões tradicionais perdem cada vez mais adeptos jovens devido ao caráter estagnado que manifestam e por não oferecerem as aventuras que a juventude procura".

História da Religião

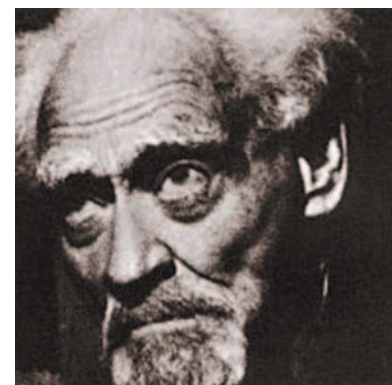
A bruxaria moderna é um produto da sociedade ocidental e ressurgiu com força no século XIX, através do Movimento do Romantismo. Neste período, a idéia de bruxaria perde seus aspectos negativos de manifestação demoníaca. Em países como a Inglaterra e a Alemanha; a religião Wicca está inserida na idéia de neo-paganismo, movimento religioso surgido em meados da década de 60 que retira sua inspiração das culturas dos povos nativos indo-europeus, abarca as culturas "pagãs" do Sul (a Helênica e a Druídica) e as culturas "bárbaras" do Norte (Céltica e Nórdica) da época pré-cristã.

A bruxaria neo-pagã tem como centro de sua doutrina o auto-conhecimento, no sentido do aperfeiçoamento individual de seus praticantes. Inspirada diretamente no misticismo e esoterismo moderno ocidental, ela procura despertar, ou resgatar, no indivíduo a espiritualidade, a fim de liberar o sujeito de condicionamentos sociais.

A bruxaria tradicional tem suas raízes no período pré-histórico, influenciada pelas antigas práticas e cultos xamânicos. Historicamente, o papel social das bruxas tradicionais era dividido entre a prestação de auxílio à população na cura de problemas de saúde

(problemas da carne, da psiquê e do espírito) e o contato com os espíritos dos mortos e dos deuses - encaminhando espíritos recém-desencarnados aos seus destinos, obtendo favores das divindades e fazendo previsões do futuro. A transmissão dos ensinamentos é oral e as hierarquias, em geral, são hereditárias. O bruxo deve estar vinculado a um coven.

A bruxaria moderna, embora se relacione firmemente com a bruxaria tradicional, surge historicamente com Gerald Gardner, com a criação da Wicca no ano 1954, que adotou novos elementos de práticas secretas e de feiticeiras não tradicionais. A transmissão é feita através de escritos e não há vínculos hereditários entre os bruxos. É uma doutrina que facilita a auto-iniciação, sem necessidade de pertencimento a um coven.



Gerald Gardner, criador da Wicca

Covens e Festas em Salvador



Casa Telucama – Templo e escola de tradição celta e ibérica. Rua Osvaldo Barreto, nº 6, Ipitanga. Tel: 3287-0622 (Contato: Graça Azevedo). Aulas uma vez por semana. Mensalidade: R\$ 100. Em janeiro de 2007, haverá seleção para uma nova turma em 2008. Duração do curso básico: sete anos.

Filhas da Deusa – Coven e escola de tradição Wicca – Rua Macapá, loja Casa da Lua. Tel: 3245-1375 (Contato: Tatiana Man-

delli). Aulas uma vez por semana. Mensalidade: R\$ 90. Inscrições em janeiro de 2007. Duração do curso: um ano e um dia.

A Casa dos Corvos Sagrados – Coven de tradição celta e ibérica. Vila de Abrantes. Tel: 3623 3758 (Contato: Lvpercvs Gael)

Festas: Samhain: 30 de abril; Yule: 21 de junho; Imbolc: 1 de agosto; Ostara: 21 setembro; Beltane: 31 outubro; Litha: 21 Dezembro; Lammas: 2 fevereiro; Mabon: 21 de março.

BUDISMO

Da racionalidade à compaixão

Thiago Cajahyba, 27, estudou para ser frei franciscano durante toda a sua adolescência e participava ativamente de grupos de jovens na Igreja Católica. Interessado em entender os fenômenos do mundo através de um olhar religioso, ele mergulhou na fé para encontrar a 'verdade sobre todas as coisas' e resolver algumas questões filosóficas que estavam pendentes.

Até que um dia, aos 21 anos, um assalto mudou a sua vida. Ele foi abordado por um homem armado quando saía da faculdade. O ladrão violentamente roubou todos os seus pertences e deixou Thiago com uma raiva inédita em sua vida. "Ainda bem que não tinha um revólver na hora, senão teria atirado nele", confessa.

A raiva é um sentimento comum que invade o dia-a-dia de qualquer pessoa, principalmente dos jovens, que vivenciam as emoções com mais intensidade. Mas Thiago não aceitou o sentimento e ficou inconformado por estar com tanta raiva de uma

"Foi quando tive o meu primeiro contato com um discurso do Buda, o Kalama Sutra, que desmistificava os conceitos de 'certo' e 'errado'. O texto diz que nós somos responsáveis pelas coisas que acontecem conosco, que somos a única causa do nosso sofrimento e que não devemos transferir para o outro esta condição", explica o rapaz, que entendeu a partir daí que o assaltante não era o responsável pela sua raiva, ele mesmo era. "Então, a raiva passou", afirma.

Após alguns anos lendo sobre o budismo e participando de cursos, Thiago se viu diante de mais um desafio: 'Como ajudar as pessoas'? Na ocasião, Roberta, sua namorada, estava em depressão e passando por momentos difíceis e ele buscava na religião uma orientação para lidar com o fato.

"Fui ao Centro Budista para encontrar uma luz, saber o que fazer. Na época, uma lama [líder religiosa] estava aqui em Salvador, daí aproveitei para pedir um conselho do que deveria dizer a minha namorada para resolver a situação. A lama me olhou com cara de 'quem você pensa

que é para resolver alguma coisa' e respondeu: 'não diga nada, apenas ouça o que ela tem a te dizer'".

A partir daí, Thiago se deparou com uma verdade sobre a sua personalidade. Habitado a analisar e julgar tudo, muitas vezes deixava a compaixão de lado, em prol da racionalidade. "Sempre preocupado em ter razão nas discussões, eu não percebia que de nada vale a razão se você gera sofrimento nas pessoas que estão à sua volta. É preferível ser feliz a estar sempre certo".

Após uma iniciação oficial, aos 25 anos, Thiago foi convidado a assumir as aulas do Grupo de Estudos Budistas Naljorma, vinculado à Fundação Nacional de Preservação da Tradição Mahayana.

Questionado sobre a participação dos jovens na religião, Thiago é incisivo. "A grande maioria dos adeptos do budismo têm mais de 30 anos. Acredito que um dos motivos do desinteresse do jovem venha da ideia de que ele deve assumir a responsabilidade sobre os seus atos, sem culpar os outros, o que é muito difícil de aceitar na juventude. É uma religião que trabalha conceitos que só a experiência ensina".



"O jovem não quer assumir a responsabilidade sobre os seus atos, sem culpar os outros, por isso, a maioria dos adeptos do budismo tem mais de 30 anos".

Thiago Cajahyba, 27

pessoa. Percebendo que a ira lhe fazia mal, ele foi à procura de textos na internet que o ajudassem a refletir sobre a sensação.

Thiago já ministra os ensinamentos budistas com apenas 27 anos



Para evitar o estresse e a Ansiedade

"Nada é estático.

Nada é o que aparenta. Não existe o Eu. A ideia de uma identidade isolada, o ego, é o que leva ao sofrimento. Não existe uma separação entre o Eu e o mundo. A realidade é fruto da percepção, ela não existe em termos absolutos. Portanto, toda a realidade pode ser alterada".

Com base nestes conceitos, os jovens budistas buscam orientar as suas vidas. Thaís Neves, 19, frequenta há um ano o centro Guna Norling, no Rio Vermelho. "Precisava

relaxar. Estava estressada e tensa com o dia-a-dia. Sentia a necessidade de encarar o mundo de uma forma mais simples, sem precisar complicar as coisas".

Um dos fatores que motivou Thaís a buscar o equilíbrio pelo budismo foi a constante competitividade e individualismo que sentiu entre os colegas quando entrou na faculdade de engenharia química. "Percebi que os jovens guardam muito para si os conhecimentos, não ajudam os outros e buscam progredir sozinhos. As pessoas estão presas ao ego".

A bióloga Vanessa Carvalho, 25, começou a frequentar o centro budista Chagdud Gonpa Norbu Ling, localizado na Barra, há apenas algumas semanas, mas já está muito satisfeita com os resultados. Em busca de explicações para os desafios do dia-a-dia, Vanessa revela que o budismo surgiu em sua vida na época em que mais precisava desenvolver uma religiosidade.

"Antigamente, eu não tinha uma religião definida. Andava sempre ansiosa, em busca de um sentido para a minha vida" revela Vanessa,



Thaís aposta na meditação para relaxar

que começou a ler sobre o budismo pela internet, mas só em outubro decidiu participar das práticas.

"Achei muito interessante a busca pela libertação do ego e a ideia de que as coisas não são como as percebemos", comenta a garota, que preferiu não comunicar à família católica a sua decisão de frequentar o centro. "É uma decisão minha e que diz respeito apenas à minha vida".

A contemplação do vazio é um dos ensinamentos mais curiosos e difíceis do budismo. Através da prática de meditação 'Shamatha', os iniciados usam a respiração como enfoque, expirando, inspirando e esvaziando a mente, sem pensar em nada, tarefa difícil para os jovens mais ansiosos.

Michael Mattis, orientador e diretor do centro budista Guna Norling, afirma que a prática Shamatha é ideal para o controle da ansiedade e o entendimento do real. "A realidade é fruto da percepção, ela não existe em termos absolutos. Portanto, toda a realidade pode ser alterada, pois é relativa. Procuramos então não

Budista e Wicca



Jovem bruxo freqüenta o centro budista todos os domingos

João Antônio Pereira, 17, foi auto-iniciado na Wicca (bruxaria moderna) há quatro anos e sempre se interessou por religiões pouco convencionais. Freqüentador assíduo do Shopping Aeroclub, ele costumava ir à loja Kalachakra, especializada em produtos orientais, para checar as novidades nas estantes de livros, acessórios e artigos exóticos.

No ano passado, conversando com a proprietária do estabelecimento, foi surpreendido ao saber que no local aconteciam meditações budistas todos os domingos, às 18h.

“Já lia alguns livros sobre o budismo na época e sempre simpatizei com a religião, principalmente pela questão do altruísmo como forma de abandonarmos o egoísmo. Quando soube dos encontros, fiquei muito curioso em saber como era, então, passei a freqüentar”.

No início, os pais, ambos de formação cristã, foram contra a escolha religiosa do filho, mas

depois aceitaram a idéia, quando perceberam as mudanças no comportamento do adolescente.

“Quando meus pais viram que a religião estava me fazendo bem, respeitaram a minha opção. Mudei muito o meu jeito de ser, a partir do momento que percebi o quanto sou pequeno diante dos mistérios do universo”.

João ainda se define como wicciano e freqüenta as práticas de meditação budista utilizando roupas pretas e símbolos populares entre os bruxos, como o pentagrama (a estrela de cinco pontas).

“Me identifico com as duas religiões e não acho que exista qualquer conflito entre elas”, declara o rapaz, que adotou o nome fictício de ‘Warlock-Oni’ para explicitar o seu duplo vínculo religioso.

“Warlock era um feiticeiro cujo nome foi utilizado na época da inquisição para designar bruxos ‘traidores’ de covens. O termo Oni vem da mitologia japonesa, que denomina um tipo de espírito que pode ser mau ou bom”, explica.

História da Religião

O budismo é uma religião e filosofia baseada nas escrituras e na tradição de Siddhartha Gautama (Buda), que viveu entre 563 e 483 a.C. Surgiu na Índia e se espalhou pela Ásia, Ásia Central, Tibete, Sri Lanka e países do sudeste e leste asiático, principalmente China, Coreia, Vietnã e Japão. Atualmente, o budismo se encontra em quase todos os países do mundo e reúne cerca de 376 milhões de seguidores.

O budismo prega o desenvolvimento de ações boas e construtivas, o abandono de ações ruins e danosas, além da purificação e treino da mente, para que se atinja o fim do sofrimento decorrente das reencarnações (samsara).

A doutrina budista não confere nenhum poder especial de criação, salvação ou julgamento a seres sobrenaturais, não compartilhando da noção de Deus comum à maioria das religiões. Os budistas

entendem que são os humanos que tem o poder de afetar os eventos no mundo.

As bases dos ensinamentos budistas são as ‘Quatro Nobres Verdades’, que afirmam que ‘toda existência envolve sofrimento’; ‘o sofrimento se origina do desejo e da ignorância’; ‘o sofrimento pode ser evitado eliminando-se o desejo e a ignorância’; e ‘é possível livrar-se do sofrimento através dos Oito Caminhos’ (compreensão, pensamento, fala, conduta, ocupação, esforço, contemplação e concentração). Os ensinamentos devem ser combinados com as regras de meditação e concentração.

Outro conceito importante é o das três marcas da existência: a insatisfação (Dukkha), a impermanência (Anicca) e a ausência de um “eu” (Anatta). O culto budista implica apenas homenagear Buda, portanto, o praticante pode seguir outra religião e viver de acordo com os preceitos budistas.

CENTROS BUDISTAS EM SALVADOR

Chagdud Gonpa Norbu Ling - Rua Miguel Bournier, 88, Barra. Tel: (71) 3245-0712

Grupo de Estudos Budistas Naljorma - Centro Empresarial Iguatemi. Sala 315, Bloco B. Tel: (71) 3301-7137, 9969-4759

Guna Norling Centro Budista - Travessa Pedra da Sereia, 24E - Rio Vermelho. Tel: (71) 3332-1317

Instituto Nyingma do Brasil - Rua Apoema, 144 - Piatã. Tel: (71) 3249-2776, 3374-1404

Centro de Budismo Kadampa Tara - Rua São Paulo, 199, 1º andar, cj. 201 - Pituba. Tel: (71) 3248-2337

Espaço Kalachakra - Aeroclub Plaza Show. Av. Otávio Mangabeira, 6000 - Boca do Rio. Tel: (71) 3461-0410 / 0411

Poucos jovens no Budismo

Em Salvador, o número de jovens praticantes do budismo é inexpressivo. Em cada centro da cidade, encontram-se apenas um ou duas pessoas com menos de 30 anos e a maioria delas ainda demonstra mais curiosidade do que conhecimento sobre a religião.

Frank Usarski, doutor em

ciências da religião, afirma que a mídia brasileira tende a divulgar um ‘crescimento’ do interesse pelo budismo, tanto de jovens como de adultos, que não se confirma na prática. “A mídia insiste em alardear um falso aumento de adeptos ao budismo e os jornalistas frequentemente caem

nesta armadilha, distorcendo a realidade”.

De fato, segundo os resultados do Censo de 1991, promovido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 236 mil pessoas na época se declararam como budistas em todo o País. Já no último levantamento nacional, realizado em 2000, este número caiu para pouco mais de 214 mil pessoas. Apesar do crescimento da população brasileira no período ter sido de 15%, o budismo sofreu um declínio de 21,5 mil adeptos em dez anos.

Para Frank, o que se chama de ‘interesse da juventude pelo Budismo’ está ligado apenas aos aspectos exóticos, e supostamente ultra-pacíficos, que revestem a religião.

“É evidente a existência de um alto grau de simpatia pelo Budismo, porém não baseada em um conhecimento sobre essa religião. Ao contrário, o que se mostra é um desconhecimento gritante. Trata-se de um interesse difuso que se alimenta da imagem de uma religião exótica, o que está longe de uma prática budista que exige um alto grau de investimento, como a realização de meditações diárias, a adoção de regras morais e a participação em retiros”.

Vanessa se interessou pelo budismo após pesquisas na Internet



União do Vegetal

Religião polêmica que seduz a juventude

Fátima* estudou no Colégio Salesiano desde os seis anos de idade. Durante 10 anos, freqüentava contra a própria vontade as missas todos os dias, às 7 da manhã. Ao terminar o ensino médio, tinha certeza de que jamais optaria pela religião Católica, mas também não tinha a menor idéia de que caminho espiritual seguir.

Aos 20 anos, ela começou a namorar Pedro*, um jovem estudante que lhe impressionava por ser tranquilo e maduro para a idade. Era um rapaz que trocava as festas e baladas do sábado à noite para freqüentar um grupo até então desconhecido chamado 'União do Vegetal', a UDV.

Quando Pedro explicou o que era a religião, Fátima não conseguia entender como tantas pessoas conseguiam ficar sentadas em torno de uma mesa, bebendo um chá, ouvindo músicas diferentes e quase em silêncio durante quatro horas. "Isto deve ser coisa de gente drogada", pensava ela.

Para saciar a curiosidade, a moça decidiu acompanhar o namorado em uma sessão. Com a permissão do mestre responsável pelo núcleo religioso, ela 'bebeu o vegetal'. "No início, foi uma sensação péssima. Vomitei muito e passei mal. Mas só depois de algumas sessões pude perceber que, naquele momento, meu corpo estava carregado de energias ruins e que precisava de uma lavagem. Foi uma desintoxicação completa", explica.

Fátima não estava passando por uma fase boa quando procurou a UDV. Além de não

falar com sua mãe durante quatro anos, a mulher pela qual nutria um amor materno, a empregada da casa, Lia*, sofria de Lupus, doença progressiva e incurável.

"Foi muito difícil superar aquele período. Acompanhei diariamente o sofrimento de Lia e tive que juntar dinheiro para arcar com as despesas médicas dela. Encontrei muita força na União. As pessoas me aconselhavam e me ajudavam como podiam. O mestre na época, que é médico, chegou a fazer todo o tratamento dela sem cobrar nada. Lá é como uma família. Existe um compromisso entre as pessoas".

Cinco anos após a entrada na União do Vegetal, Fátima conseguiu superar o impacto da perda da sua mãe de criação, que faleceu há três anos, e voltou a falar com sua mãe biológica, deixando para trás as mágoas e os ressentimentos na sua relação com os familiares.

"Acredito que a religião só faz sentido quando vemos a teoria se transformar em prática no nosso dia-a-dia, e foi isso que aconteceu comigo.

Tive que amadurecer muito cedo por conta dos problemas na minha família, o que me deixava muito ansiosa e angustiada. Depois que entrei na UDV, fiquei mais serena, tranquila e com vontade de ajudar o próximo, enxergando o mundo com um senso de cooperação e união".



Jovens dizem que o vegetal aumenta a percepção da realidade, mas que não é droga.

CURIOSIDADES SOBRE O VEGETAL



Folha e fruto da Chakrona, vegetal utilizado no preparo do chá

Usuário de drogas se liberta do vício

Antônio*, 24, era viciado em drogas desde os 13 anos. Até 21 anos, fumava maconha, cheirava cocaína, consumia álcool e ácido lisérgico (LSD), com freqüência.

Aos 18 anos, quando entrou na faculdade, o vício atingiu o auge e ele percebeu que a vida havia perdido o sentido. "Acordava perdido no chão de algum lugar desconhecido, sem ter a menor idéia de como tinha chegado lá".

Foi quando recebeu o convite de um amigo para freqüentar a União do Vegetal há três anos. O processo de desintoxicação física foi gradual, mas surtiu um efeito quase milagroso no rapaz. Antônio parou definitivamente de usar drogas e não consome álcool, nem mesmo socialmente.

Passei por uma grande transformação física e psicológica. A União me ajudou a largar o vício voluntariamente, além de ter contribuído para que eu enxergasse melhor os meus defeitos, o que facilitou o meu relacionamento com as pessoas".

Segundo Antônio, nunca houve nenhuma pressão nas sessões da União do Vegetal para que ele largasse o vício. "A única coisa que o mestre falou a respeito é que o chá é naturalmente incompatível com o álcool. É muito comum que as pessoas na União deixem de beber. E eu pude comprovar isto na prática".

Em 1985, o Conselho Federal de Entorpecentes (Confen) suspendeu o consumo do chá de Oaska (o vegetal) e criou um grupo de pesquisa multidisciplinar para estudar o 'alucinógeno' e seus usuários.

Em 1987, o órgão concluiu que o seu uso não representava perigo ou ameaça à ordem pública ou à saúde do indivíduo. Em 1992 foram feitas novas denúncias e foi reaberto o processo. Outra vez, a comissão reafirmou seu parecer anterior e liberou o uso apenas em cerimônias religiosas.

No entanto, o chá ainda é alvo de estudos e críticas na sociedade. Uma pesquisa recente desenvolvida pela Universidade Federal de São Paulo revela que não foi constatada dependência química entre os usuários habituais do chá e que há evidências de que o uso da bebida em contexto religioso tem acarretado benefícios e, muito raramente, consequências indesejáveis.

"Documentamos a existência de quinze dependentes graves de álcool que se tornaram abstinentes a partir do momento em que passaram a freqüentar os rituais da seita União do Vegetal", comenta o coordenador do Programa de Orientação e Assistência a Dependentes do Departamento de Psiquiatria da Unifesp, Dartiu Xavier da Silveira.

**Nomes alterados a pedido das fontes. Os entrevistados também preferiram não participar das fotos.*



Alberto Bys - Antropólogo

Os Jovens e a União do Vegetal



O cipó do Mariri e a folha da Chakrona compõem o chá de Oaska, alvo de pesquisas e polêmicas

A hegemonia atual da sociedade ocidental, com os ingredientes de capitalismo, individualismo, a degradação do meio ambiente e a perda de predicamento dos discursos clássicos da esquerda revolucionária, leva muitas pessoas à necessidade de experimentar vias religiosas consideradas 'alternativas'.

Os motores do interesse dos jovens têm que ser contextualizados em uma nova consciência mais abrangente, difusa, ecológica, religiosa e até mesmo política.

São principalmente nos planos terapêuticos e religiosos que se expressam essa nova consciência: o aumento de interesse pela acupuntura e outras terapias orientais, yogas, homeopatia, meditação, neo-xamanismo e muito mais.

Dentre tudo isso, a utilização ancestral de psicoativos com fins religiosos é um método de expansão da consciência que há bastante tempo é procurado por pessoas, não apenas os jovens, da sociedade ocidental.

O interesse das pessoas nessas religiões especificamente têm mais a ver com essa possibilidade de experimentar, em um ritual ancestral, a expansão da consciência para vivenciar de forma direta e segura a espiritualidade.

Na UDV, a possibilidade de seguir um caminho de evolução espiritual onde a realidade divina é sentida e percebida diretamente pode ser um importante motivador, assim como a ênfase no valor das palavras ditas.

A possível curiosidade do jovem em relação ao chá pode ser uma motivação para se aproximar da religião, mas não para seguir os caminhos religiosos

delas no transcorrer do tempo.

O chá Oaska não produz alucinações, no sentido contemporâneo e científico do termo. Pode até induzir visões e percepções diferentes à consciência ordinária. O termo alucinação carrega uma conotação negativa e está associado a certas patologias psiquiátricas específicas, sendo usado no senso comum como sinônimo de "falsa percepção".

Os jovens não necessariamente procuram à religião por causa do chá.

Muitos deles estudam, se formam, casam, têm famílias e filhos. É muito incentivado o estudo, o trabalho honesto, a formação de famílias e a participação cidadã nos âmbitos democráticos. Inclusive estes fatos estão documentados academicamente em vários estudos e são fundamentais para compreender o uso legal da oaska.

A União do Vegetal (UDV) ainda é uma religião desconhecida para a maioria das pessoas. Surgiu na antiguidade, quando Caiano, discípulo e assistente do Rei Salomão, teria recebido uma 'mensagem divina' de que o segredo da vida está na natureza e nos vegetais. Após esta revelação, o mensageiro teria reencarnado em diversas vidas para restaurar a união dos homens através do vegetal. Os adeptos acreditam que, neste século, Caiano voltou no corpo do baiano José Gabriel da Costa.

José Gabriel nasceu em 1922 no município de Coração de Maria, na Bahia. Com 40 anos, se mudou para Porto Velho, Rondônia, com o objetivo de trabalhar como seringueiro na Floresta Amazônica, onde encontrou o chá Oaska, também conhecido por 'Vegetal'.

Ao tomar o chá, começou a se recordar de suas vidas passadas e examinou durante três anos as revelações. A partir de 1961, divulgou a religião, nomeou-se como mestre e começou a doutrinar pessoas e distribuir o chá.

No início, a UDV não tinha registro oficial e a polícia chegou a prender o Mestre Gabriel pela prática clandestina. Tendo suas atividades temporariamente suspensas no início dos anos 70 pela Divisão de Segurança e Guarda do Território do Guaporé, a UDV impetrou um mandado de segurança, com a mudança de denominação da sociedade para o registro definitivo de Centro Espírita Beneficente União do Vegetal.

Apesar da entidade não ser secreta, procura manter um distanciamento da sociedade

Para melhorar a qualidade dos Sentimentos

A União do Vegetal chamou a atenção de Gabriel Alves* quando ele tinha 17 anos, época em que convivia com alguns amigos que frequentavam os núcleos. "Foi quando eu soube de casos de pessoas que conseguiram equilibrar melhor a vida e ser melhor na escola depois que passaram a fazer parte da União".

O fato de conhecer bem e confiar nos pais dos seus amigos ajudou Gabriel a tomar coragem em ir na União. Mas o fator decisivo que determinou a sua escolha aconteceu após um episódio no Pelourinho.

"Um dia, eu estava em uma boate com uns daqueles amigos que eram da UDV. Eu havia bebido e cheguei a cair e vomitar. Naquele momento, olhei para mim mesmo e me achei ridículo. E falei para o meu amigo que gostaria de ir às sessões com ele".

No início, seus pais foram contra a escolha, principalmente a sua mãe que é protestante. "Ela não aceitou bem. No início, tivemos alguns problemas mas hoje ela tem um respeito maior, apesar de não demonstrar o menor interesse. Meu pai sempre foi mais ligado ao candomblé, mas de vez em quando participa dos encontros".

O rapaz conta que, desde que começou a frequentar as sessões, encontrou um novo rumo para a sua vida e melhorou a sua relação com as pessoas. "Nas sessões da União, passamos quatro horas examinando nossa própria vida e sempre encontramos um ponto a melhorar. Podemos perceber se ferimos alguém com nossas palavras ou com nossos atos. Às vezes, é o sentimento mesmo que precisa se tornar mais limpo. Acho que a busca de todo hoasqueiro é melhorar a qualidade do sentimento".

Gabriel descarta que os jovens se sintam atraídos pela religião pela curiosidade do chá. "A maioria dos jovens chegam lá porque os pais já frequentam. Tem os que chegam por curiosidade, muitas vezes pensando que o chá seja uma droga. Mas só a curiosidade não é determinante para que uma pessoa continue".

Para o estudante em análise de sistemas, o que mais cativa as pessoas a frequentar a UDV é a estrutura filosófica transmitida através da doutrina. "Muito dessa doutrina é transmitida por histórias e cânticos muito bonitos, assim como também é a amizade que se constrói lá dentro. Mas o que satisfaz são as mudanças visíveis na nossa vida".

História da Refeição

após as polêmicas e constantes acusações contra o uso do chá Oaska – ingerido pelos adeptos durante o ritual. A bebida é preparada com água fervida misturada com o cipó de Mariri e a folha e o fruto da planta Chakrona.

Para evitar conflitos com a população, a organização apenas concede a autorização para frequentar o centro aos interessados caso sejam convidados por um dos membros e aprovados por um dos mestres da religião após entrevista particular.

Para participar do ritual, todos devem beber um copo inteiro contendo o chá de Oaska, que provoca sensações diferentes e algumas bastante incômodas, como tontura e náuseas. Após uma hora, a sensibilidade do indivíduo fica aguçada e muitos se retiram para vomitar. Algumas pessoas ouvem

sons estranhos, outras dizem ter distorções visuais, outras dizem ter uma sensação de paz e tranquilidade. Mas de fato é impossível não sentir os efeitos do chá no corpo.

Os adeptos da UDV chamam estas sensações de 'burracheira' – nome proveniente dos seringais da Amazônia, onde os vegetais do chá são originados. Eles garantem que o vegetal não é droga e que não faz qualquer mal à saúde. Muitas mulheres grávidas e com filhos pequenos apostam até mesmo nos efeitos benéficos e sagrados da bebida, oferecendo o chá às crianças.

O uso do chá provoca polêmicas na sociedade. Os poucos que já ouviram falar na religião se referem à UDV como 'seita de drogados', que se reúnem em locais isolados para terem alucinações coletivas.



Liberdade com Respeito às Tradições

“O candomblé é uma religião que valoriza o povo mais velho. Herdamos o conceito de respeito dos nossos ancestrais. Ao cumprimentarmos alguém, perguntamos primeiro pelos avós, depois pelos pais e por último, ‘como vai você’. Os jovens da religião aprendem isto desde muito cedo”, comenta Mãe Detinha, uma das mais queridas personalidades do candomblé baiano que tem uma proximidade grande com os jovens do terreiro Ilê Afonjá.

“Fomos nascidos e criados aqui no Quilombo. A religião é

séria e exige disciplina, mas não temos restrições quanto a bebida e diversão. No candomblé a gente se sente à vontade e todos são respeitados em sua diversidade”, comenta o abiã (aprendiz na religião) Alexandre Oliveira, 26 anos.

Com base na idéia de respeito e liberdade, os jovens encontram no Candomblé orientação espiritual e festividades. Ao som dos atabaques e sob uma atmosfera alegre, eles cantam, dançam, utilizam indumentárias sagradas e, sem a idéia de culpa ou sacrifício pessoal, aproximam-se dos seus guias,

tanto em comportamento como na personalidade.

“Apesar das obrigações, temos muita liberdade aqui. Todos se ajudam, se respeitam e acolhem as pessoas de outras religiões que tenham curiosidade em frequentar o terreiro. O candomblé é uma das poucas religiões que não fala mal da religião dos outros, defendemos a liberdade de crença de cada um”, diz Eduardo Santos, 25, que aprendeu a confeccionar orixás de madeira e guias nas oficinas de madeira e artesanato desde os 14 anos.

O primeiro contato de Dimas

vivi a prova física quando me libertei das dores que me incomodavam”, conta.

Nas oficinas da escola de Alaká, instalada no terreiro Afonjá, Dimas aprendeu a confeccionar tecidos nas oficinas de tecelagem e se diz realizado com os ensinamentos do candomblé. “É uma religião que respeita o modo de ser de cada um, recebendo qualquer pessoa de braços abertos independente da raça ou da orientação sexual”, conta o filho de Oxossi, amante da liberdade de expressão.

Iraíldes Maria dos Santos, 28, diretora da Associação da Juventude do Ilê Opó Afonjá e diretora da escola de Alaká, aposta na riqueza da historiografia e cultura do candomblé como sendo o principal fator de adesão da juventude à religião.

“Muitos jovens vêm para cá porque se identificam com a liberdade oferecida no candomblé. As músicas, os ritmos, as danças, as cores encantam. As danças e o teatro que acontecem nos terreiros contam as histórias dos orixás e dão liberdade de imaginação, ao sonho, ao contrário dos santos católicos, que já são apresentados com suas histórias prontas”, conta a moça que sonha em ser escritora e cursar faculdade de história.

Projeto Cultural para os Jovens



O Terreiro Ilê Axé Opô Afonjá, oferece oficinas de canto coral, dança afro, informática e percussão para 360 crianças e jovens, além dos programas de alfabetização na

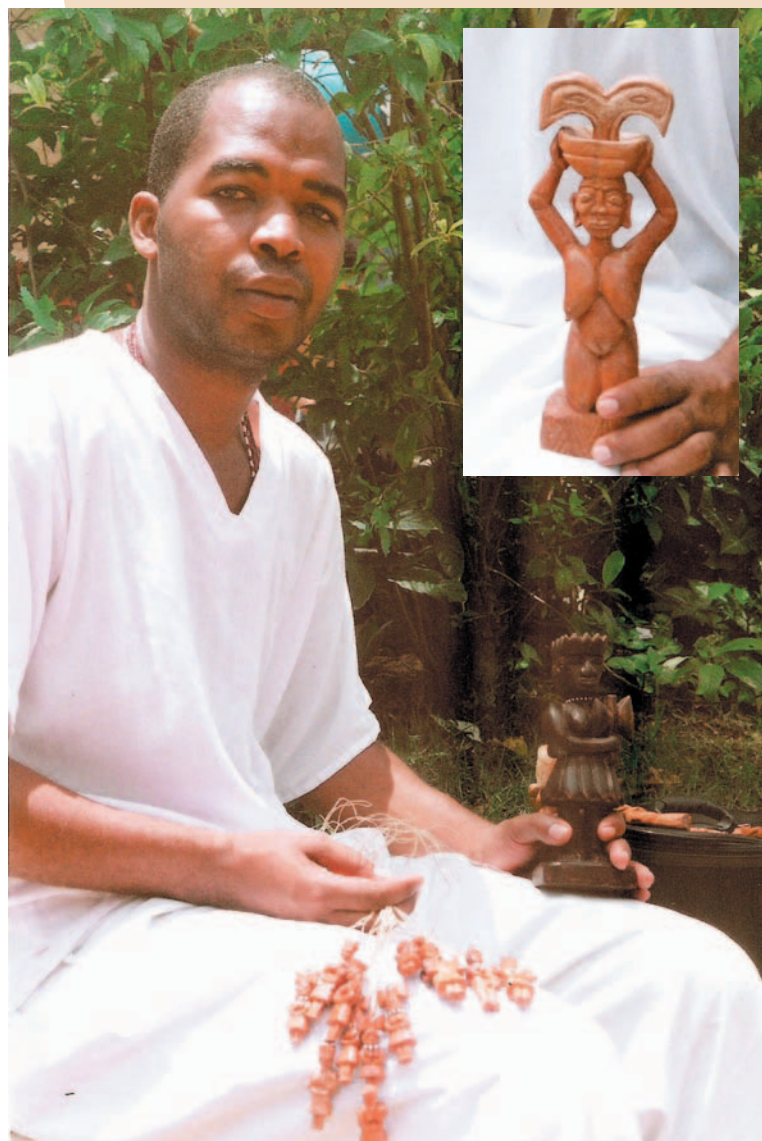
Escola Eugênia Anna dos Santos, que funciona no terreiro e atende, aproximadamente, 160 crianças com cursos de 1ª à 4ª série do ensino fundamental.

O projeto Aragbô, promovido pela Associação Juventude Afonjá, realizou sete oficinas gratuitas entre os meses de maio e junho deste ano para 70 jovens, que aprenderam o canto iorubá, cultura imaterial-história, documentação e memória do terreiro, a insígnia de Xangô, esculturas em palhas de coqueiro, instrumentos de orixás em ferro e de alaká (pano-da-costa).

O público-alvo são os jovens da comunidade local, mas também de outros terreiros.

“As religiões afro-brasileiras só poderão avançar se alcançarem a juventude. Por isso os terreiros de Candomblé se tornaram grandes centros de educação. As crianças desde muito cedo devem se familiarizar com as histórias dos orixás, estudar a cultura e a língua do povo”, comenta o antropólogo Ordep Serra.

Jamile Sodré, 26, auxiliar da lalorixá do terreiro Tanuri Junsara, acrescenta que a juventude também é fundamental para a renovação da religião. “A juventude deve renovar o Candomblé, mas é importante que tenhamos consciência de que não podemos interferir muito neste processo, já que se trata de uma religião de tradição oral, que tem sua história e deve ser orientada pelos mais velhos”.



Eduardo aprendeu o artesanato em madeira nas oficinas do terreiro



“A religião exige disciplina, mas não temos restrições quanto a bebida e diversão”.

Alexandre Oliveira, 26

Santos, 26, com o candomblé foi por motivo de saúde. O rapaz foi uma criança de saúde frágil e era constantemente acometido por muitas doenças, mas foi curado após alguns trabalhos promovidos pelas mães-de santo do terreiro. “Sempre tive muita fé no poder dos orixás, pois



Dimas confecciona redes e mantas na oficina de Tecelagem

Juventude para preservar a Religião



Iraildes: “A preservação da religião está nas mãos dos jovens”

Iraildes é uma descendente dos Axiás, família nobre vinda da Nigéria na época da escravidão, formada pelos guardiões do reino de Oyó. Nascida no terreiro, sua principal identificação com o Candomblé se dá pela liberdade de expressão conferida aos adeptos e pela preservação da cultura africana.

“Não estamos presos aos conceitos sociais e aqui não se sofre restrição a nenhuma escolha. Se o seu caminho está fechado, é por sua própria opção e responsabilidade. Os orixás dão a orientação, mas cada um tem direito ao livre arbítrio”, revela.

Iraildes coordena os cursos da escola de Alaká, que ensina aos jovens a língua lorubá, a história da religião e as tradições da raça negra, além de promover oficinas de teatro, tecelagem e de esculturas em madeira e ferro para os iniciados.

“No Candomblé, há uma ligação forte com a educação para preservar a cultura, sempre respeitando as pessoas mais velhas e cuidando dos

idosos. Para nós, os mais jovens são a base da preservação da religião e da história africana. É um círculo, como a roda das nossas danças, tudo termina nos mais sábios e renasce nas novas gerações”.

No mês de julho, houve uma reunião da juventude do Candomblé de todos os terreiros da Bahia para discutir a relação da religião com a sociedade. Na ocasião, o principal ponto abordado pelos jovens foi a exposição da religião na mídia, motivado por uma reportagem do programa Fantástico, da Rede Globo, que mostrou as oferendas e os quartos sagrados de forma folclórica e banalizada.

“Os jovens na época encaminham um ofício às mães de santo do terreiro, solicitando a proibição de fotos e filmagens nos cultos, e o pedido foi aceito. O que achei mais interessante é que a noção de preservação da religião em relação à mídia partiu da própria juventude”, conta Iraildes.

DEVOTO E ORIENTADO PELOS ORIXÁS



Eduardo Barbosa tinha 18 anos quando teve o seu primeiro contato com o Candomblé. Sem nenhuma relação com qualquer religião, um dia, ele foi estranhamente abordado por um senhor na rua, que o convenceu a frequentar o terreiro, enquanto incorporava um orixá.

“Eu estava passando por um momento muito difícil na época. Tinha largado os estudos e tive alguns problemas de relacionamento com uma mulher. Foi quando este homem chegou até mim, do nada, e disse que Xangô tinha uma missão para mim”, conta o rapaz de 28 anos, que voltou a estudar e cursa a 8ª série do ensino médio.

Atualmente, Eduardo é um dos abians mais fervorosos no terreiro Afonjá. Participa das festas com devoção e segue à risca cada uma das regras da casa. O rapaz acredita que o interesse da juventude pela religião venha da necessidade de obter explicações para as coisas da vida.

“No Candomblé, a gente sempre acha uma resposta para as nossas perguntas através dos Orixás. Ser filho de santo é um dom do destino. Por isso tem sempre muitos jovens por aqui buscando respostas e orientação através dos búzios”.

Após a sua iniciação na religião, Eduardo desenvolveu alguns dons, como a capacidade de sentir a energia do local e ver a aura de pessoas e objetos. “As pessoas que tem uma mediunidade desenvolvida podem ter dificuldade para namorar, pois já sentem desde o começo quando o relacionamento não tem futuro. Eu percebo a energia através de uma luz em torno da pessoa. Desenvolvi esta habilidade aqui”, conta o rapaz, que diz que Xangô sempre o alerta sobre o caráter dos outros.

Luta contra o preconceito

No último Censo do IBGE, divulgado em 2000, em Salvador, apenas 3.033 pessoas disseram ser de candomblé. Na Bahia, o total chegou a 14.967, número bem inferior ao registrado no Rio de Janeiro (55.400) e São Paulo (27.610).

O preconceito contra o Candomblé ainda é comum no estado, apesar da religião ter sido oficialmente liberada desde 1974, quando o governador Roberto Santos assinou um decreto libertando os cultos do estigma de “caso de polícia”.

O medo de assumir a religião é visível até nos mais novos, como Micaela Felix, 14, que prefere não assumir que é do Candomblé na escola, com medo de sofrer discriminações. “Não gosto de dar entrevistas e nem ficar falando que sou do terreiro. Minhas colegas podem ler o jornal e me gozarem no colégio”, confessa a garota.

Os adeptos se sentem ofendidos principalmente pelos evangélicos, que associam a religião às práticas satânicas ligadas ao demônio. “Um dia fui deixar uma oferenda para Exu, que os leigos insistem em chamar de ‘diabo’, e fui ofendido por um grupo de evangélicos que passava no local. Eles gritavam ‘sai macumbeiro’, evocavam o senhor deles e até jogaram uma bíblia em cima de mim”, conta Dimas, aborrecido.

Iraildes revela que alguns dos seus colegas na escola tinham medo de ir ao terreiro e incorporar algum espírito ruim. “Eles achavam que iriam ‘pegar espírito’ se viessem aqui e que teria que ser exorcizados, mas isto não existe. Muito do preconceito vem da falta do conhecimento do que é a religião”.

Para Ordep, ao mesmo tempo que o Candomblé contribui para que o negro tenha uma visão positiva de si mesmo, faz com que ele sofra as consequências negativas do preconceito ao declarar a sua religião. “O preconceito ainda é muito grande. Vemos os terreiros sempre cheios e

tão poucos assumem fazer parte do Candomblé. Os adeptos ainda se sentem muito inibidos”.

“O candomblé é mais que uma religião. É uma forma de viver. Por isso, procuro sempre praticar na minha vida o que aprendi com os ensinamentos para que todos percebam que o candomblé transmite conceitos de respeito ao outro. Minhas roupas respeitam minhas iniquidades [divindades] e tento desconstruir, onde quer que eu esteja, todo discurso que reforce o preconceito contra a minha religião”, afirma Jamile.

História da Religião



O Candomblé foi desenvolvido no Brasil a partir do conhecimento dos sacerdotes africanos que foram escravizados e trazidos da África, juntamente com seus Orixás, Iniquidades e Voduns [divindades], sua cultura e seu idioma, entre 1549 e 1888.

Embora confinado originalmente à população de escravos, proibido pela Igreja Católica e criminalizado por alguns governos, o candomblé prosperou nos quatro séculos, e expandiu desde o fim da escravidão.

Atualmente, a religião possui milhares de seguidores de todas as classes sociais em dezenas de terreiros. Em levantamentos recentes do IBGE, aproximadamente 3 milhões de brasileiros (1,5% da população total) declararam o candomblé como sua religião.

Na cidade de Salvador existem 2.230 terreiros registrados na Federação Baiana de Cultos Afro-brasileiros. O Candomblé não deve ser confundido com Umbanda, Macumba e Omoloko, outras religiões afro-brasileiras com similar origem; ou com religiões afro-derivadas comuns em outros países, como o Voodoo Haitiano, a Santería Cubana e o Obeah.



ESPIRITISMO



A 'Revolução Silenciosa'

Victor, 24, foi educado para ser católico. Apesar de ter contato com o espiritismo desde muito pequeno através de conversas em casa com o pai, o jovem não conseguiu escapar das obrigações católicas, como as missas e a primeira comunhão.

Após a estréia na eucaristia, aos 12 anos, Victor decidiu que não seguiria o caminho católico idealizado pela sua mãe. "A catequese foi muito chata, não me acrescentou nada e foi uma grande perda de tempo". Na época, leu o seu primeiro livro ligado ao espiritismo, 'Herculano', e não parou mais de pesquisar sobre o tema.

No entanto, até os seus 18 anos, Victor não costumava freqüentar centros espíritas. Preferia as festas e bares com a turma do colégio do que comprometer-se com os trabalhos dos grupos religiosos.

O jovem, apelidado de Zumbi pelos amigos, sempre foi um adolescente reservado, o que o diferenciava dos amigos. Mas quando o assunto era farra, se destacava pelos porres alcoólicos típicos da idade.

"Eu já cheguei ao ponto de estar na Graça em uma festa e sair de ônibus para pegar mais bebidas no Imbuí, e depois ainda voltar para a festa. Eu ficava bêbado e vomitava



Victor acredita que a espiritualidade ajuda o jovem a se tornar uma pessoa melhor

em vários encontros do pessoal do colégio".

A participação nas sessões espíritas não levou Victor a largar imediatamente o álcool, mas, segundo ele, toda a sua vida passou por uma 'revolução silenciosa' após a escolha pela religião.

"A principal mudança que vivi foi o aumento dos questionamentos e exigências internos: me tornei mais crítico comigo mesmo. O espiritismo proporcionou uma revolução calada na minha vida. Comecei a diminuir a bebida e parei de fumar naturalmente. Meus amigos estranharam muito a mudança".

Na opinião do rapaz, sem uma espiritualidade desenvolvida, o jovem fica sozinho no mundo e geralmente se torna excessivamente materialista e arrogante.

"Negando Deus, o indivíduo corre o risco de potencializar suas características inferiores. E a religião é a busca pela felicidade através da mudança pessoal. Se o indivíduo não acredita em algo maior, não terá estímulo para se tornar uma pessoa melhor".

"O espiritismo proporcionou uma revolução calada na minha vida. Comecei a diminuir a bebida e parei de fumar"

Victor Oliveira, 24

Ensinaamentos e bate-papo

Cerca de 30 jovens, de 5 a 21 anos, freqüentam o Centro Irmã Sheilla todos os sábados, das 14h às 17h, onde discutem as suas impressões sobre a influência dos espíritos e estudam a doutrina. Os mais novos são orientados a desmistificar os fantasmas das histórias de 'casas mal assombradas', tão populares nos filmes de terror, e os mais velhos discutem conceitos como 'fluido vital', 'padrão vibratório', 'princípio vital', 'perespírito', 'princípio inteligente', 'fluido cósmico', 'matéria' e 'energia'. A educação mediúnica dura cerca de um ano e meio e os cursos básicos duram dois anos.

No centro espírita Cidade da Luz, 15 jovens, de 14 a 25 anos, se reúnem às 19h, todas as quintas-feiras, para discutir temas gerais sobre a religião e comentar as suas percepções sobre a influência espiritual em suas vidas.

Kelly Nery, 22, confessa que ainda tem medo da possibilidade de ver um espírito. "Nunca ouvi ou vi nenhum, mas fiquei com medo quando participei de uma mediúnica e uma das pessoas incorporou". Apesar do receio, Kelly também considera que o espiritismo a auxilia a entender os acontecimentos da vida. "É normal o medo do desconhecido e o preconceito contra a religião ainda é muito grande, mas gosto do espiritismo porque aqui as regras não são tão rígidas. É uma doutrina que oferece total liberdade às pessoas".

Cláudio Nunez, 30, que voluntariamente ministra as aulas aos jovens da Cidade da Luz explica que os jovens devem aprender a conviver tanto com espíritos negativos como com os positivos e aprender a fazer opções com responsabilidade. "Estamos abertos a ouvir bons e maus conselhos de todo tipo de espíritos. O veredicto final sobre que caminho escolher cabe a cada um de nós", diz o professor aos seus alunos.

Ciência, caridade e mistério atraem a juventude

Para o antropólogo e especialista em espiritismo, Emerson Giumbelli, a juventude tem sido atraída pelo espiritismo pelo caráter científico da explicação dos fenômenos da vida e pela prática de trabalhos sociais promovidos nos centros.

"O espiritismo é cultivado como uma fé racional e há uma ênfase nas ações de caridade. Penso que ambos podem ser atrativos para os jovens: o primeiro porque valoriza o estudo e a argumentação sem descuidar dos 'mistérios religiosos'; o segundo porque permite dialogar com preocupações sociais".

O sociólogo e especialista, Paulo Roberto dos Santos, acredita que o interesse dos jovens pelo espiritismo também está relacionado com a influência da mídia, a inexistência de hierarquias rígidas na religião e com a nova onda espiritualista conhecida como 'New Age'.

"Verifica-se sobre os jovens de hoje a influência de telenovelas e filmes que abordam princípios espiritualistas, como a reencarnação e mediunidade, e a 'Nova Era', que busca princípios universalistas que as religiões tradicionais em geral não apresentam em sua prática, como a integração do corpo na busca espiritual. Há também uma tendência de 'privatização da religião', pois os jovens tendem a dispensar intermediários na sua relação com a divindade e com o mundo espiritual e preferem uma religiosidade cotidiana, simplificada, não institucional".

O espiritismo não apresenta sacerdócio ou hierarquias e não há de ritos e sacramentos. O espiritismo em si não possui dogmas, e deixa o processo de crescimento interior, moral e intelectual, na dependência e no ritmo de cada um. "Das explicações sobre a dinâmica da vida, os princípios reencarnacionistas têm se mostrado os mais lógicos e admissíveis aos jovens", acrescenta Paulo.

A busca pela compreensão do 'outro mundo'

A estudante Nathalia Rosa tinha apenas doze anos quando viu pela primeira vez um espírito. No início, eram imagens sem uma forma definida que sumiam e desapareciam, vozes estranhas, pessoas em agonia pedindo ajuda. Depois as imagens deixaram de ser vultos e ganharam contornos mais definidos. Até que um dia, um garotinho passou correndo ao lado dela, quando não havia mais ninguém em casa.

“Não entendia o que estava acontecendo comigo e não conseguia encontrar explicações na minha casa. Eu me sentia sufocada, sem ter com quem me abrir. Chorava muito, tinha medo, rezava, pedia pra não ver, mas nada adiantava”.

Sem orientação, a garota procurava respostas nos livros considerados ‘impróprios’ na estante da sua casa. “Na minha família todos são muito católicos e acham que espírito é coisa do demônio. Tenho uma tia que sempre mandava livros de espiritismo para minha mãe, que nunca dava importância. Quando eu pedia para ler, era a maior confusão”.

Nathalia começou a freqüentar o centro espírita escondida dos pais. Quando a sua avó descobriu, disse que um espírito ia tomar conta do corpo dela e que não ia sair mais.

O pai, contrariado com a opção da filha pelo espiritismo, obrigou a menina a ir à igreja católica todos os domingos.

“Acho que o catolicismo é muito limitado ao falar de espíritos. Já o espiritismo é uma doutrina que não impede que você adote conceitos de outras crenças. Tenho minha própria religiosidade, não aceito nenhuma definição sobre o que seja Deus e leio livros sobre várias religiões”, afirma com segurança a adolescente, de apenas 16 anos.

Para a estudante, o principal ganho após o seu envolvimento com a doutrina espírita foi aprender a selecionar pensamentos positivos. Segundo ela, vibrações negativas atraem espíritos ruins que muitas vezes prejudicam a vida das pessoas, mesmo daquelas que não têm uma mediunidade desenvolvida e que não sabem que estão cercadas por eles.

“Aprendi a ter pensamentos positivos para atrair energias boas. No meu caso, essa escolha é mais do que necessária para que eu possa viver em paz, já que tenho tendência a incorporar espíritos”.

Nathalia conta que uma das situações mais difíceis ocorreu quando incorporou um espírito masculino no colégio. “Eu mudei a

minha voz, o meu comportamento, depois não lembrei de nada. Foi uma sensação muito ruim. Hoje tenho um controle muito melhor do que acontece à minha volta e não assusto mais as pessoas”.

Juliana Rosas, de apenas 12 anos, acompanha a irmã nas aulas de ‘Introdução ao Espiritismo’ no centro. “Eu tinha muito medo quando Nathalia me dizia que via espíritos. Hoje já acho bem normal, levo numa boa. Eles [os espíritos] são como os vivos, há aqueles de vibração boa e os de vibração ruim, a diferença é que eles estão em outro plano”.

Guilherme Melo, orientador do conhecimento da doutrina espírita, que ensina há 10 anos aos jovens de todas as idades, acredita que a pluralidade de religiões não atrapalha o entendimento da doutrina espírita.

“Religião é como o sapato que cabe no nosso pé, ou a roupa que cabe no nosso corpo. Mas o espiritismo não é uma religião, é uma doutrina, não impede que a pessoa tenha outras crenças. A procura dos jovens tem aumentado bastante. Eles estão percebendo que há mais no espaço do que pode se ver”.

“Tenho a minha própria religiosidade. Não aceito nenhuma definição sobre o que seja Deus e leio livros sobre várias religiões”.

Nathalia Rosa, 16



Nathalia teve que procurar explicações nos livros espíritas para lidar com sua mediunidade.

Jovens mais evoluídos

De acordo com a doutrina espírita, os espíritos evoluem ao longo de suas múltiplas encarnações. Questionado se os espíritos jovens de hoje são mais evoluídos do que os jovens do passado, o orientador Guilherme confirma a tese.

“Os jovens de hoje são mais questionadores do que os de antes, estão mais atentos às questões do mundo, são mais informados, não é à toa que são tão rápidos. Os espíritos tendem à evolução ou à estagnação, mas não regredem jamais”, explica.

No espiritismo, os jovens mais engajados na doutrina tendem a se envolver em projetos de auxílio à comunidade da periferia. Os jovens do centro espírita Cidade da Luz participam de projetos sociais, distribuindo sopas durante a semana aos moradores de bairros carentes e promovem eventos beneficentes para leiloar quadros pintados por espíritos, revertendo a renda aos mais necessitados.

Na centro Fraternidade Irmã Sheilla, os jovens visitam asilos, hospitais, distribuem agasalhos no inverno e presentes no Natal.

“Não sei mais viver sem o espiritismo. Quando aprendi a influência dos espíritos nas nossas vidas e como é importante saber lidar

com estas forças superiores, tudo ficou mais claro, com mais sentido. No espiritismo, há uma grande liberdade para agir e pensar, muito diferente do que ocorre em outras religiões”, comenta Ana Clara Ribeiro, 16, que faz parte do grupo de jovens da Cidade da Luz.

“No espiritismo, não pretendemos construir um modelo ideal de jovem. Não gostamos de estereotipar as pessoas. Há freqüentadores de todo o tipo e ninguém é perfeito. O que cada um vai fazer com o que aprende aqui é da escolha de cada um. É uma questão de livre-arbítrio”, acrescenta Guilherme.



Jovens da Cidade da Luz fazem doações e recebem ensinamentos.

História da Religião

O termo Espiritismo surgiu como um neologismo criado pelo pedagogo francês Allan Kardec, utilizado pela primeira vez na introdução de ‘O Livro dos Espíritos’ (1857), para nomear especificamente o corpo de idéias por ele sistematizadas, diferenciando-o do movimento espiritualista em geral.

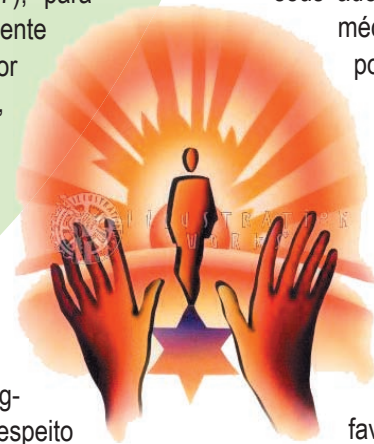
Contudo, o termo foi rapidamente incorporado ao uso cotidiano para designar tudo o que diz respeito à comunicação com os mortos. Atualmente, se entende por espiritismo as várias doutrinas religiosas e/ou filosóficas que crêm

na sobrevivência do espírito à morte do corpo, e, principalmente, na possibilidade de se comunicar com ele.

O Espiritismo Kardecista é uma religião letrada que geralmente tem seus adeptos nas camadas médias urbanas. O

ponto central de seu sistema de crenças é a relação de cada pessoa com suas encarnações anteriores e com os outros espíritos, encarnados ou desencarnados. O objetivo é

favorecer a auto-reflexão e a busca de sentido para os fatos do dia a dia, do sentido da vida e da subjetividade de cada um.



O QUE DIZEM OS ESPECIALISTAS?

Jovens religiosos, mas sem religião

Segundo dados da pesquisa 'Perfil da Juventude Brasileira', realizada em 2005, a maioria dos jovens brasileiros afirma ter algum tipo de experiência religiosa e apenas 1% dos jovens de 15 a 24 anos declararam ser ateus ou agnósticos.

Os censos demográficos revelam que a proporção de indivíduos que se declararam católicos caiu de 91,8% do total da população brasileira em 1970 para 73,9% em 2000. A diminuição do número de católicos contrasta com o aumento no número de evangélicos (de 5,2% para 15,6%) e dos chamados "sem religião", que subiram de 4,8% para 7,3%, ou seja, mais de doze milhões de brasileiros.

O que chama a atenção na primeira pesquisa é que 14% dos jovens dizem ter crenças, viver uma espiritualidade, acreditar em Deus ou em outras 'forças sobrenaturais', sem estar vinculado a nenhuma religião institucionalizada. Este é um dado que tem sido ignorado pelo censo, que inclui os ateus e os 'religiosos sem religião' na mesma categoria.

No que diz respeito ao pertencimento religioso, os jovens se distribuem de modo semelhante à população brasileira em geral: a maioria se identifica como católicos (65%); 22% como evangélicos / protestantes e 3% como espíritas (sendo 2% kardecistas e 1% umbandistas e

candomblecistas). As demais religiões (orientais, judaísmo, islamismo, etc) não reúnem mais do que 2% dos jovens brasileiros.

Solange Rodrigues, especialista em sociologia da religião e da juventude e pesquisadora do Instituto Superior de Estudos da Religião (Iser), explica que é comum os jovens transitarem entre diversas religiões até fazerem uma opção definitiva, o que justifica a alta incidência dos que declaram 'não ter uma religião, mas ter uma espiritualidade'.

"Durante a juventude, acelera-se o trânsito religioso, a experimentação sucessiva de diferentes sistemas rituais e concepções religiosas, em busca daquelas que faça sentido e responda às suas necessidades espirituais. Algumas vezes essas experiências se dão simultaneamente, em uma situação de múltiplo pertencimento religioso. No entanto, as adesões em geral são mais fluidas, provisórias, não criam vínculos definitivos".

De fato, dados de uma pesquisa realizada pelo Centro de Estatística e Investigações Religiosas em 2005 comprovam que, na classe entre 18 e 25 anos, o índice dos que mudaram de religião alcançou 17,2% dos entrevistados.

De acordo com dados do Iser,

uma grande parcela dos jovens que não possuem uma participação religiosa regular se sente atraída por religiões exóticas, com rituais e simbologias complexas, que não possuem hierarquias rígidas e sistemas institucionalizados.

"Do mesmo modo que alguns se submetem cegamente àqueles que concentram o poder religioso, outros vivem situações de conflito, estabelecendo uma resistência à autoridade. Os jovens resistem especialmente quando percebem um distanciamento entre o discurso e a prática dos líderes religiosos", esclarece Solange.

Marcelo Gruman, antropólogo e especialista em juventude, concorda que os jovens se sentem mais atraídos por religiões não institucionalizadas e transitam por várias crenças. "O crescimento no número de indivíduos que se afirmam membros de religiões não católica, ou mesmo daqueles que se dizem "sem religião" ou de "dupla pertença", indica que a subjetividade e a desinstitucionalização da identidade religiosa se legitima cada vez mais entre eles".



Socialização e valores alternativos

O coordenador do Observatório da Juventude da UFMG, Geraldo Leão, acredita que todas as religiões assumem para os jovens um caráter prático de socialização, construção da identidade e expressão, confirmando a tese de que a religião está ligada às experiências cotidianas dos jovens.

"Em muitos casos as religiões reforçam valores conservadores, mas não deixam de incorporar novas práticas culturais e estilos de vida da juventude urbana. Um exemplo é o crescimento de grupos musicais identificados com o rock e o hip-hop no interior de igrejas pentecostais".

No entanto, Geraldo diferencia os objetivos dos jovens pentecostais daqueles que optaram por religiões minoritárias. Segundo ele, os últimos visam construir uma sociedade alternativa pela mudança de valores e os primeiros pretendem se integrar aos valores vigentes.

"Os jovens pentecostais não apresentam uma visão alternativa à sociedade. Pelo contrário, vêem nas práticas religiosas uma estratégia de participação na vida econômica e social, em uma sociedade em que crescem as desigualdades. No caso de algumas religiões minoritárias, os jovens parecem ver uma possibilidade de construção de uma sociedade alternativa".

Múltiplos Interesses

Marcelo Gruman revela que pesquisas recentes demonstram que o menor índice de transferência da religião de pais para os filhos não acarreta, necessariamente, em ateísmo ou agnosticismo, pois parte dos jovens que não seguem as religiões de seus pais buscam outras formas de vinculação com o sagrado.

"Os jovens realizam um trabalho de composição e recomposição da identidade religiosa, apropriando-se de linguagens simbólicas heterogêneas. Isto não significa, entretanto, que numa fase posterior da vida resolvam aderir a uma religião institucionalizada e abandoná-la em seguida", esclarece.

Segundo o antropólogo, o pluralismo

de interesses e a segmentação sócio-cultural da sociedade conduzem à diversidade de crenças. "Nenhum grupo, nenhuma ideologia é capaz de representar a sociedade como um todo".

Hilário Dick, padre, teólogo e pesquisador na relação da juventude com a religiosidade, complementa que, além do pluralismo de interesse, os jovens têm se mostrado favoráveis à adesão das religiões minoritárias.

"O jovem não gosta de qualquer tipo de opressão, principalmente contra as minorias. Por isso a sua atração por religiões minoritárias. O fato de algumas expressões religiosas serem novas ou não muito conhecidas gera curiosidade em conhecê-las e, talvez, em aderir a elas. Faz parte da teologia da descoberta".

Transgressão e Ruptura

Apesar do histórico processo de ruptura, questionamento e transgressão, tão peculiares à juventude, segundo os especialistas, os jovens sentem necessidade de orientação e apego familiar.

Hilário Dick defende que o jovem tem aversão a estruturas prontas e a autoridades e que, a princípio, a religião - como um conjunto de crenças, ritos e símbolos formalizados - não lhe exerce simpatia.

"O jovem tem necessidade de ter sua própria personalidade, de desobedecer, de ser transgressor, indisciplinado, e não gosta de receber coisas prontas. Não se amarra ao definido e procura fazer a sua própria definição. Quando essa busca e esse encontro tiverem as marcas da 'pessoalidade', o verdadeiro

ecumenismo tem chance de ser mais autêntico", avalia.

Hilário também aponta para a aversão dos jovens quando encaram a religiosidade com uma 'obrigação'. "Quando a liberdade se encontra com a responsabilidade, as coisas se complicam. Por isso a importância que a experiência de Deus seja algo prazeroso e livre. Para o jovem, a vida é uma festa e a religião também deve carregar consigo essa dimensão festiva. Nem a religião nem a religiosidade podem ser desmancha-prazeres".

Para o teólogo, a religião que mais atrai o jovem é aquela que responde à sua busca de liberdade e de felicidade. "O jovem é festa e até os momentos de contemplação mais silenciosos são aceitos de forma fantástica".

Religiosidade para o dia-a-dia

Da idade média a era moderna, a religião sempre esteve associada à idéia da morte. 'Atordoados com pensamentos assustadores do desconhecido 'outro lado da vida', os indivíduos aderiam às religiões para garantirem conforto na 'vida eterna'. Os faraós chegavam a ser mumificados com seus pertences para usufruí-los depois da morte. Neste contexto além-túmulo, os jovens também não escapavam da obrigatoriedade de ter uma religião durante a vida terrena.

Nos dias de hoje, a relação com a religiosidade mudou. Os discursos religiosos deixam de focar a 'vida após a morte' e passam a centralizar a conduta humana durante a vida, principalmente no que diz respeito à moralidade, proteção espiritual e segurança. A ação religiosa está orientada para este mundo - religiosidade para atender às coisas do amor, da sorte, do ciúme, do dinheiro, do emprego, dos negócios bem sucedidos, do anteparo para a inveja, etc.

O sociólogo Gey Espinheira explica

que, atualmente, a religião passa a ocupar lugar na consciência das camadas populares, ao nível da identidade nacional, cultural, étnica e religiosa, e a morte deixa de ser a orientação da existência. "A religião tona-se a base última e mais legitimada para as afirmações de identidades étnico-culturais em confronto. É nesta dimensão que a religiosidade demonstra a sua vitalidade social-comunitária em face do individualismo, da religião como uma questão de consciência individual".

A antropóloga e especialista em comportamento da juventude, Elisa Guaraná de Castro, acrescenta que a prática religiosa também pode se configurar como um espaço de construção da identidade dos jovens. "Nestes espaços, os jovens ocupam, com frequência, posições de direção na hierarquia interna. Assim, a religião pode ser um importante local de organização da juventude, onde a identidade deles aparece como articulador de ação".



Expediente

Caderno Especial 'Religare'
Universidade Federal da Bahia
Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo de Carina Rabelo
Novembro / 2006

Créditos:

Texto: Carina Rabelo
Revisão: Marli Piva e Delia Rabelo

Fotos: Carina Rabelo
Ilustrações: Getty Images

Diagramação: Carina Rabelo
Arte Visual: Carina Rabelo

Colaboração:

Adriana Araújo, Andréia Santana
Antônio Queirós, Cecília Duarte
Cláudia Puridade, Cleidiana Ramos
Dalmo Lemos, Eduardo Freire
Edson Ruiz, Graciela Nathanson
Lucas Duarte, Manildes dos Santos
Priscila Fachinetti e Roberto Vieira.